



A percepção da paisagem no turismo do campo de golfe Comandatuba Ocean Course na ilha de Comandatuba, BA

The perception of the tourism landscape of the golf course Comandatuba Ocean Course on the island of Comandatuba, BA

La percepción del paisaje turístico del Campo de golf Comandatuba Ocean Course en la isla de Comandatuba, BA

Leia Deiques Nunes Pacheco <deiquestleia@hotmail.com >

Mestranda do curso de pós-graduação stricto sensu em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Balneário Camboriú, SC, Brasil.

Josildete Pereira de Oliveira <joliveira@univali.br >

Docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Balneário Camboriú, SC, Brasil.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 25-nov-2010

Aceite: 14-set-2011

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

PACHECO, L.D.N., OLIVEIRA, J. P.; A percepção da paisagem no turismo do campo de golfe Comandatuba Ocean Course na ilha de Comandatuba, BA. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.341-354, dez. 2011.

REALIZAÇÃO

ivt Instituto Virtual de Turismo
www.ivt-rj.net



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: A paisagem do campo de golfe Comandatuba *Ocean Course* na ilha de Comandatuba, Bahia, torna-se importante objeto de análise para a interpretação e compreensão das peculiaridades desse cenário criado artificialmente para o deleite dos turistas que apreciam a prática do golfe. Os métodos científicos de análise de paisagem e de que maneira os elementos se relacionam em estratégias de poder através do espaço demonstram distintas utilidades da percepção territorial para o turismo e para a prática do esporte. Para caracterizar a experiência no turismo de golfe na ilha de Comandatuba na Bahia, a análise da paisagem foi realizada através do método da análise descritiva segundo Boullón (2002) e do método da percepção da paisagem segundo Cullen (1973) em congruência com o conceito de legibilidade do espaço de Lynch (1997). Os resultados da análise procuram relacionar a influência da paisagem no desempenho desta atividade esportiva e, consequentemente, com o turismo esportivo.

Palavras-chave: Paisagem; Golfe; Turismo; Comandatuba.

Abstract: The landscape of the golf course “Comandatuba Ocean Course” on the island of Comandatuba in Bahia, becomes an important object of analysis for the interpretation and understanding of the peculiarities of this artificially created scenario to the delight of tourists who enjoy playing golf. The scientific methods of landscape analysis and the way the elements relate in power strategies through space, demonstrate different uses for territorial perceptions for tourism and for sport practices. To characterize the experience in golf tourism on the island of Comandatuba in Bahia, the landscape analysis was performed using the method of descriptive analysis of Boullon (2002) and the method of landscape perception of Cullen (1973) in congruence with the space legibility concept of Lynch (1997). The analysis results try to relate the influence of the landscape on the performance of this sport and, consequently, with sportive tourism.

Keywords: Landscape; Golf; Tourism; Comandatuba island.

Resumen: El paisaje del campo de golf Comandatuba Ocean en la isla de Comandatuba, Bahía, se convierte en un importante objeto de análisis para la interpretación y la comprensión de las peculiaridades de este escenario artificial creado para el deleite de los turistas que disfrutan jugando al golf. Los métodos científicos de análisis del paisaje y de cómo los elementos se relacionan con estrategias de poder a través del espacio muestran los diferentes usos de la percepción territorial para el turismo y para el deporte. Para caracterizar la experiencia en el turismo de golf en la isla de Comandatuba en Bahía, el análisis del paisaje se ha realizado mediante el método de análisis descriptivo según Boullón (2002) y el método de percepción del paisaje según Cullen (1973), en congruencia con el concepto de legibilidad del espacio de Lynch (1997). Los resultados del análisis intentan relacionar la influencia del paisaje en el rendimiento deportivo y, en consecuencia, con el turismo deportivo.

Palavras clave: Paisaje; Golf; Turismo; Comandatuba.

Introdução

A crescente procura por lugares que ofereçam às pessoas sensações de bem-estar físico e espiritual valoriza a função da paisagem não somente em um cenário em particular, mas no cotidiano dos indivíduos como plano de fundo na construção de suas vivências. Vivenciar novas emoções, conhecer novos lugares e descobrir novas paisagens levam, anualmente, milhares de turistas a movimentarem-se globalmente em busca da realização desse anseio. Esse movimento se traduz em um crescente fluxo de turistas em busca de novas experiências, emoções e percepções que são encontradas e ou representadas através da peculiaridade e individualidade de determinada paisagem.

Ao ver uma imagem de uma paisagem agradável o indivíduo tende a se projetar naquele contexto, criando um universo paralelo de sonho, prazer e realização que o impulsiona a buscar na experimentação e na contemplação de distintas paisagens a sensação a qual foi remetido.

O poder de atração de determinadas paisagens leva a sua reprodução ou construção artificial de algo similar a paisagem natural ou ainda tornando-a mais extraordinária. No setor do turismo os grandes parques temáticos e muitos complexos hoteleiros representam bom exemplo da construção artificial de paisagens em cenários. A criação de um mundo mágico, perfeito e divertido tornou-se um atrativo turístico popular pela sua massiva procura. Nesses cenários são reproduzidos costumes, folclore, culinária, aromas, ambientes naturais, futuristas, virtuais e tecnológicos entre infinitas possibilidades.

É também nesse cenário planejado que se situa a categoria do turismo do golfe, produto turístico altamente especializado, que requer alto grau tecnológico para implantação da infra-estrutura, o campo de golfe, equipamento fundamental dessa atividade, onde se encontram paisagens projetadas para potencializar a beleza da fauna, flora e relevo do local onde está situado. Dotados de imensa área verde, os campos de golfe oferecem aos seus visitantes bucólicas paisagens integradas a uma infra-estrutura harmônica em seu entorno.

Dessa maneira, o exercício de interpretação na análise da paisagem de um campo de golfe evidencia e caracteriza essa importante função do golfe como elemento de valorização da paisagem. Com esse objetivo, o presente artigo foi originado de uma pesquisa exploratória, a partir de dados bibliográficos e documentais sobre a relação entre a paisagem e o desempenho da atividade esportiva do golfe, no contexto do lazer e turismo. A metodologia se apoiou nos conceitos da análise da paisagem e sua relação com o turismo e com as peculiaridades da atividade esportiva caracterizada pelo golfe.

Valores da paisagem

Os estudos da paisagem têm enfatizado não apenas os aspectos formais explícitos da configuração, mas atentam também para os valores simbólicos e para os processos cognitivos desencadeados em cada indivíduo no seu processo de assimilação da paisagem. Nessa perspectiva, entendemos que o significado e a representatividade das paisagens perpassam os aspectos puramente formais dos elementos que a compõe, na medida em que a sua assimilação resulta também da percepção de cada indivíduo em seu processo cognitivo, mediado por um filtro cultural e por valores simbólicos, como representações do seu imaginário.

Nessa linha de pensamento, os estudos de Kevin Lynch (1997) dão ênfase à imagem e atentam para a percepção do observador:

“As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado aquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes”. (LYNCH, 1997, p.7).

A paisagem então tendo papel fundamental na atratividade de um destino turístico em função do seu poder intrínseco de beleza, bem-estar, prazer e satisfação tem alto grau de representatividade no momento de escolha do espectador. Isso deve, a percepção sensorial emanada pela paisagem relacionada ao grau de valor e receptividade do espectador para com a experiência vivida em determinado lugar e em um momento específico.

Para Yázigi (1996, p.151):

“A paisagem, indissociável da idéia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico. Não se trata de dizer que ela seja a única forma de atração, mas que pesa muito no contexto de outros fatores (meio de hospedagem, bons preços etc.). O turismo depende da visão.”

Nesse sentido, o apelo visual torna-se fundamental para a escolha de um destino turístico. Gordon Cullen (1973, p.10) destaca a visão como um sentido que “tem o poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo o seu corolário de emoções”, o que atesta que o sentido cognitivo tem grande parcela de responsabilidade no processo de decisão na busca por determinada paisagem.

Porém, cada pessoa tem um julgamento individual de valor ao se deparar com uma determinada paisagem, para cada observador a paisagem tem um sentido, seja de contemplação, utilitarista, estética e até mesmo de indiferença. Mensurar o valor da paisagem sobrepõe sua função da mesma forma determinar a função da paisagem torna-se algo subjetivo, seja pela individualidade experimentada pelo espectador na paisagem em determinada situação relacionada à sua momentânea condição psicológica, podendo assim contemplá-la ou não.

Boullón (2002, p.121) para a apreciação estética da paisagem o que vale é o que o turista comum capta por meio de seus sentidos, apreciação e estado de espírito. O autor faz referência à qualidade estética e aos diferentes elementos da paisagem urbana sobre a experiência turística, podendo esta qualidade estética despertar o interesse do observador em apreciá-la e contemplá-la, tornando a experiência turística enriquecedora.

As condições de visibilidade do observador em relação à paisagem no momento da observação são relevantes para a apreciação da paisagem, podendo interferir diretamente na intensidade do desfrute e posterior vínculo afetivo para com aquela experiência, pois:

A distância, a posição do observador, as condições atmosféricas e a iluminação entre outros fatores como o tempo de duração, o movimento do observador determinará a profundidade e o detalhamento

to da observação paisagística. A leitura dos signos estabelece uma relação com o espaço de vivência. (BOLSON, 2004).

Como características importantes da paisagem destacam-se sua unicidade, diversidade e heterogeneidade, pois, existe um número infinito de distintas paisagens, outro fator próprio das paisagens é sua constante mutação, seja por pressões antrópicas, clima, variação de luzes, configurações geográficas, dinâmicas da própria natureza, ou intervenção social como no caso de campos de golfe.

Em concordância, descreve Bertrand (1971, p 2):

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialéticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Para entender cientificamente como interpretar um paisagem, se torna importante desframentar os elementos que compõe a paisagem bem como seus aspectos e interpretações.

Aspectos físicos como a terra, água, vegetação, estruturas, elementos artificiais representados por estruturas espaciais criadas por diferentes tipos de solo, ou construções diversas de caráter pontual, linear ou superficial ou ainda elementos visuais como forma, textura, cor, linha, escala, espaço e diversidade são conceitos que fundamentam a integração e a análise do conjunto natureza-arquitetura em determinado território.

A relação da apreciação da paisagem com o espaço pode ser relacionada com o conceito de legibilidade do espaço de Kevin Lynch que determina como legibilidade (ALVARES E BESSA, 2007): a capacidade em maior ou menor grau que os sítios têm de ter suas partes reconhecidas e organizadas em padrão coerente pelo usuário; a identidade estrutural, ou o nível de diferenciação e individualidade que os sítios possuem para o usuário; a imageabilidade, ou aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma forte imagem em qualquer observador.

Nesse contexto, a percepção da paisagem é apresentada mais uma vez como uma experiência particular e subjetiva. Para Castrogiovanni (2001, p. 132) as “paisagens turísticas devem dar conta das motivações dos visitantes que as contemplam ou as utilizam. Para tanto, é fundamental o pleno conhecimento/estudo dos elementos que compõem tais paisagens.”

Nesse sentido, Boullón (2002, p. 80) corrobora:

A melhor forma de determinarmos um espaço turístico é recorrermos ao método empírico, por meio do qual podemos observar a distribuição territorial dos atrativos turísticos e do empreendimento, a fim de detectarmos os agrupamentos e as concentrações que saltam à vista.

Campo de golfe

O campo de Golfe é uma estrutura viva e orgânica e o jogador deve a ela se integrar. O campo é único, posto que não existe um campo igual ao outro em todo o planeta e, até mesmo cada campo a cada dia mostra-se diverso. “É uma metonímia da natureza”, conforme Losivolo, Peil (2010, p.8).

De acordo com a FGERJ (2010), o campo de golfe é dividido em 18 seções chamadas buracos. Cada buraco é constituído por uma área de saída chamada tee e por uma área de chegada chamada green, onde fica o buraco em que o jogador emboca sua bola concluindo o jogo no buraco que está jogando. E assim sucessivamente até embocar sua bola no buraco 18, quando termina o jogo.

A medida oficial das distâncias no jogo de golfe é a jarda, que é ligeiramente menor que um metro, equivale a 91,4 cm.

Geralmente, há cinco grupos de tees, o frontal tem 140 jardas, para novatos, o intermediário com 175 jardas para mulheres, juniores e seniores avançados, o tee principal, com 210 jardas para homens médios e seniores avançados, o tee traseiro com 240 jardas para jogadores avançados e mulheres profissionais e o tee profissional com 270 jardas. (MILL, 2003 p.167).

Simplificadamente, um campo de golfe é composto por buracos, a grande maioria dos campos de golfe no mundo possui 18 buracos, tamanho ideal para uma partida oficial de golfe, no entanto, muitos campos ou complexos turísticos que apresentam equipamentos de golfe possuem campos de 9 buracos, onde o jogador deve fazer duas voltas para percorrer o percurso, o que torna o campo menos atrativo em relação a um campo de 18 buracos. Existem infra-estruturas golfísticas com 27,36 e 72 buracos. Essa configuração pode ser encontrada nos países com tradição no esporte e no turismo do golfe. Quando três ou mais campos de golfe estão no mesmo destino ou localidade se caracteriza um pólo turístico de golfe.

A distância entre a área de saída e a de chegada de cada buraco é chamado percurso (*fairway*) e tem comprimento variável em cada buraco embora siga padrões dimensionais preestabelecidos.

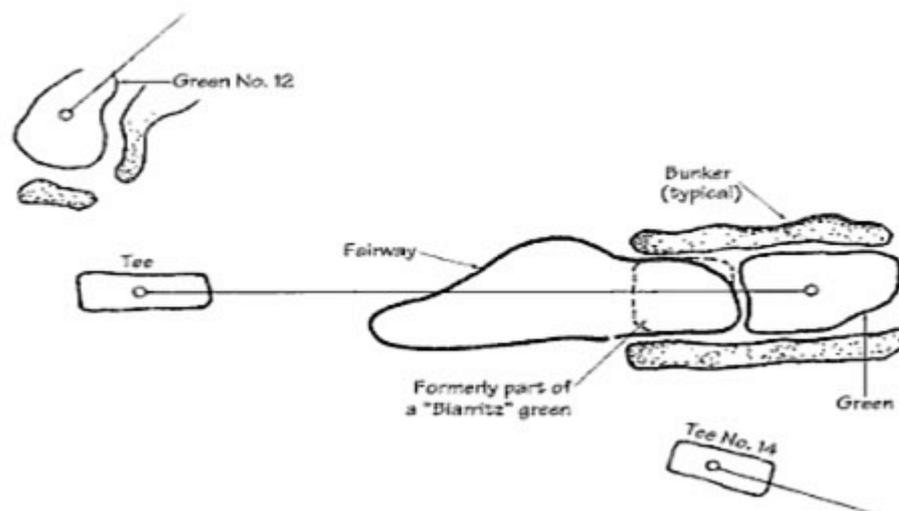
Em termos de padronização arquitetônica de espaçamento para campos de golfe, por exemplo, (MILL, 2003, p.161) define o campo de golfe “tipo regular”, como um campo que provavelmente terá três combinações de tees com 5200 a 7200 jardas de comprimento, para jogadores diversos. Com o objetivo de tornar o jogo justo e prazeroso, os buracos deverão ser espalhados de forma regular, ao longo de dois circuitos de nove buracos cada.

Para (BERNARDES, 2007 p.21):

A arquitetura dos campos é muito variada e feita por especialistas. São estes que examinam a configuração do terreno onde vai ser construído o campo de golfe e dispõem o alinhamento dos *fairways* a situação dos tees e dos greens, e colocam os obstáculos, os bunkers ou bancas, aproveitando rios e/ou lagos para dificultar o caminho das bolas em direção ao alvo.

Assim, para entender os componentes de um campo de golfe, fragmentamos o campo em um buraco. Um buraco então é composto pelo *tee*, local de saída, onde se dá a primeira tacada em direção ao *fairway*, a área de jogo entre o *tee* e o *green*. O *green* é o local onde está o buraco para finalizar a etapa, protegido pelos *bunkers*, bancas de areia em profundidade no terreno. Considerando obstáculos, *bunkers*, lagos e *roughs*, grama alta que acompanha a extensão do *fairway*, elementos ilustrados na figura abaixo, são os locais onde não se espera acertar a bola de golfe, pois, geram penalidade, quando isso acontece o jogador é obrigado a computar no jogo uma tacada mais diminuindo assim seu desempenho ideal.

Figura 1: Elementos de um campo de golfe



Fonte: (GRAVES; COMISH, 2002, p.209): Classic golf hole design: using the greatest holes as an inspiration for the modern courses. Jonh Wiley & Sons, Inc.2002.

O melhor desempenho se atribui àquele jogador que acertar o buraco em menos tacadas, por essa razão existem as dificuldades, obstáculos ou “azares”, bem como as ondulações planejadas através do design do campo nos distintos elementos, que o tornam único, aumentando a dificuldade da partida ou não e em consequência o desafio maior ou menor, o que para muitos jogadores determina a qualidade do campo, pois, se torna atrativo para determinado segmento de praticante de golfe (profissional, amador, juvenil, sênior, entre outras categorias de jogadores) de acordo com sua habilidade.

De acordo com (MILL, 2003, p.170) a padronização de um campo de golfe se dá em distintas áreas e para distintas funções:

(...) para melhorar a visibilidade, os buracos devem ficar nas elevações, partindo dos tees em direção à área de pouso, e desta para os greens. O terreno nos fairways deve ser largo e plano o suficiente para garantir um final previsível para a tacada, o que determina, uma largura entre 36 e 45 metros. Os buracos mais curtos têm fairway mais estreitos. Se o fairway for muito estreito, a bola pode cair na grama alta, e isso torna o jogo lento e gerar frustração ao jogador. Os greens devem localizar-se em declive a partir do tee, o próprio green deve elevar-se entre 0,30 e 0,90 m, em relação aos seus arredores. O pano de fundo- árvore ou um riacho- propiciam um cenário excelente. Os greens geralmente medem entre 1.500 e 1.400 metros quadrados, o suficiente para a localização de 14 buracos. O tamanho do green reflete a dificuldade do buraco, os buracos mais difíceis requerem greens maiores, da mesma forma que uma tacada mais longa”

A estética é vivenciada pelos projetistas a partir dos princípios da arte, harmonia, proporção equilíbrio, ritmo e ênfase para construir campos de golfe agradáveis (MILL, 2003, p.171).

Complementando, para alcançar o objetivo de tornar o jogo de golfe uma experiência memorável, os arquitetos ou designers de campo de golfe utilizam o princípio da arte para compor e criar campos de golfe. São considerados princípios da arte a harmonia, a proporção, o balanço, o ritmo e a ênfase, além de tamanho, textura, cor, forma e linha, (GRAVES, CORNISH, 1998 p.5).

Figura 2: Integração dos princípios da arte com projetos de campo de golfe



Fonte: (MILL, 2003 p.172): Integração dos processos da arte com projetos de campo de golfe.

Esses fatores planejados e executados cuidadosamente explicam de que forma um campo de golfe pode representar o diferencial de qualidade e atratividade de determinado campo de golfe, complexo turístico e até mesmo podendo determinar a identidade de um destino turístico.

Entendo brevemente a configuração de um campo de golfe, partimos para a interpretação da paisagem de um campo específico no Brasil, o Comandatuba *Ocean Course*, situado no Estado da Bahia, mais precisamente na ilha de Comandatuba nas instalações do Hotel Transamérica.

Esse campo de golfe obteve destaque na revista *Golf Digest* como um dos melhores campos de golfe do Brasil (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GOLFE, 2010).

A Ilha de Comandatuba

O Portal Brasileiro do Turismo apresenta a Ilha de Comandatuba como “a bela ilha que guarda uma imensa riqueza da fauna e da flora brasileira presentes por toda sua extensão. Os passeios são agradáveis momentos em contato com a natureza muito bem preservada nesse paraíso”. (PORTAL BRASILEIRO DO TURISMO, 2010).

O Portal convida o turista para atividades de descanso, náuticas e golfe em meio às paisagens do Hotel Transamérica Ilha de Comandatuba, localizado em uma imensa área verde de 8 milhões de metros quadrados no município de Una, possui 21 km de praia, 25 mil pés de coqueiros, fauna e flora exuberantes características do sul da Bahia e situada a uma pequena distância do continente.

Construído em uma ilha de matas virgens em meados da década de 1980, o resort nasceu em uma antiga fazenda de plantação de cocos, em uma área de 2 milhões de m² e 50 mil m² de área construída, projeto dos arquiteto Ricardo Julião e do paisagista Edward Stone. O resort 5 estrelas foi inaugurado em março de 1989 após quatro anos de obras, com a proposta de aliar requinte e conforto em uma região de mar límpido, areia clara, manguezais e coqueirais. O resort oferece múltiplas atividades para o lazer e descanso, pois dispõe de infra-estrutura que compõe conforme ilustração a seguir as facilidades adiante.

Comandatuba Ocean Course

Além da infra-estrutura hoteleira o complexo integra o Comandatuba *Ocean Course*, um campo de golfe com 18 buracos de categoria internacional projetado pelo arquiteto americano Dan Blankenship, o campo localiza-se integrado a paisagem natural da ilha. Foi o primeiro resort de golfe na Bahia e foi construído em um ano e fundado em janeiro de 2000.

O campo apresenta ondulações e desníveis que, combinados aos ventos oceânicos e aos bancos de areia, desafiam a habilidade do jogador a cada momento. O Comandatuba *Ocean Course* está credenciado para receber disputas do circuito internacional, com área total de 780 mil m², dos quais 222 mil m² são compostos por grama.

Análise da paisagem do Comandatuba Ocean Course

Figura 3: Fairway do Comandatuba Ocean Course



Fonte: Zeca Resendes (Foto autorizada para publicação). Disponível em: <<<http://www.cbg.com.br/galeriaindice.asp>>>. Acesso em 01. ago. 2011

A paisagem do *fairway* acima caracteriza-se pela pregnância verde do gramado e da vegetação. De maneira funcional, a influência da vegetação demarca limites entre zonas, proporciona isolamento, proteção e barreira visual, orienta circulação do pedestre e proporciona contraste entre a forma, textura e cor entre o gramado, a vegetação e o céu. Continuidade e imensidão são representadas na figura pelo comprimento e amplitude do *fairway* e do próprio buraco.

A amplitude do gramado e a linearidade dos coqueiros representam a sensação de exposição e isolamento que segundo CULLEN (1983) são representados por espaços vazios, e grandes extensões, observados no comprimento do *fairway*.

Figura 4: Tee do Comandatuba Ocean Course



Fonte: Zeca Resendes (Foto autorizada para publicação). Disponível em: <<<http://www.cbg.com.br/galeriaindice.asp>>>. Acesso em 01. ago. 2011.

No primeiro plano da figura 4, os objetos percebidos nesse buraco são o marcador azul do tee, ao lado a placa vermelha de identificação do campo e em segundo plano a área do green onde posicionam-se os jogadores, como barreira de proteção a vegetação de restinga delimita a zona do campo e da praia. A foto ilustra o momento de visualização da bola em sentido ao *fairway*, no entanto, ao antecipar o movimento do jogador, percebe-se que ele ao preparar-se para a tacada quando posicionado em lateral ao sentido do campo, o jogador tem como paisagem de fundo um ambiente oceânico que permite tranquilidade e relaxamento para o exercício da primeira tacada do buraco.

Os coqueiros na faixa de areia denotam proteção aos jogadores que se encontram em plano superior no gramado.

Figura 5: Bunker do Comandatuba Ocean Course



Fonte: Zeca Resendes (Foto autorizada para publicação). Disponível em: <<<http://www.cbg.com.br/galeriaindice.asp>>>. Acesso em 01. ago. 2011.

Na figura 5, predominam os obstáculos em forma de *bunkers* cuja função é aumentar o grau de dificuldade para o jogador, além de delimitar e reduzir a área verde delimitam as extremidades do buraco, o comprimento do *fairway* e o caminho ao green. As bromélias serpenteiam através do fai-

rway quebrando a pregnância do branco dos bunkers e induzindo o efeito desejado para a tacada. O uso desse elemento exótico valoriza o conceito de design do arquiteto ao resgatar elementos da flora natural do ambiente.

Importante evidenciar nesse contexto de análise, como a leitura do campo através da paisagem pode interferir diretamente sobre o desempenho do jogador durante o jogo. A paisagem não apenas demarca os elementos de um campo de golfe e os setores, formados a partir da percepção de limites como pode ser utilizada como mecanismo dificultador para o campo de golfe, criando obstáculos reais e imaginários ou subjetivos, valoriza em termos de qualidade o equipamento, uma vez que obstáculos desafiadores são apreciados nessa prática, além de compor um cenário exótico para o espetáculo das cores e texturas em composição.

Figura 6: Buraco do Comandatuba Ocean Course



Fonte: Zeca Resendes (Foto autorizada para publicação). Disponível em: <<<http://www.cbg.com.br/galeriaindice.asp>>>. Acesso em 01. ago. 2011.

Os elementos percebidos na figura 6 resgatam a diferença de textura entre os elementos do campo, evidenciam bastante a característica de desnível, necessária particularidade de um campo de golfe, que pode ser visualizada nas ondulações do campo entre o *bunker* e o *green*, onde situa-se a bandeira vermelha.

A individualidade da bandeira vermelha no *green* indica a exata localização do buraco para o jogador. O lago lateral define o percurso, enquanto *bunker* adverte ao jogador quanto a necessidade da força aplicada na tacada. A paisagem traduz harmonia em um conjunto agradável como um convite desafiando o passeio até o *green*.

A leve inclinação dos coqueiros no fundo, por sua vez possibilitam a sensação de aconchego e pertencimento ao jogador. Elemento subjetivo que pode traduzir-se em uma postura relaxada do praticante de golfe no momento da tacada se assim for sua percepção da paisagem.

Por outro lado, as ondulações no primeiro plano, podem gerar a sensação de vazio e perigo e podem sugerir ao jogador tensionar a tacada para fugir desse obstáculo.

O equilíbrio entre os dois planos devem ser medidos pelo jogador para que o mesmo monte sua estratégia para derrotar o buraco, o que evidencia a importância da leitura da paisagem durante a prática do golfe.

Figura 7: Elemento oceano no Comandatuba Ocean Course



Fonte: Zeca Resendes (Foto autorizada para publicação). Disponível em: <<<http://www.cbg.com.br/galeriaindice.asp>>>. Acesso em 01. ago. 2011.

Na Figura 7, mais uma vez são evidenciadas as diferentes texturas dos elementos areia, gramado vegetação e mar traduzindo uma identidade à paisagem, um campo litorâneo.

Na figura acima, interpretamos também, aconchego, pertencimento, e extravagância “o olhar enreda-se subitamente num objeto extravagante, (o mar como pano de fundo do gramado), “que o intriga o fascina como uma advinda visual”. CULLEN (1973). Percebe-se alto senso de relacionamento que aponta “determinado tipo de fluência rítmica” entre os elementos mar, areia, coqueiros, gramado e o local de apreciação do turista facilitando lindos passeios e uso turístico adequado como os demais percursos analisados nesse artigo.

A integração desses elementos cria um sentimento de comunidade compondo uma paisagem harmoniosa ao convite do relaxamento. Sob a perspectiva da figura, o ritmo do jogo que segue transversalmente é quebrado, lembrando ao golfista sua recompensa após sua jornada golfística.

Portanto, o estudo sobre a paisagem na configuração do espaço destinado aos esportes, em especial o golfe, assim como na configuração do espaço turístico de um modo geral, nos parece um aspecto chave para potencializar a atratividade a ser considerada para a prática do lazer e do turismo.

Neste sentido, a relação entre esta atratividade e o turismo poderá reforçar outras estratégias desta atividade, como por exemplo, a consolidação do segmento de eventos, que nos parece ser um aspecto já bem explorado pelo turismo: os eventos esportivos.

Considerações finais

Um campo de golfe pode representar uma solução para proteção das formas de beleza natural da paisagem visto a importância técnica sugerida nesse artigo sobreposta em especificidade se relacionada à importância visual da paisagem.

Nos destinos turísticos a paisagem muitas vezes atribui identidade a uma localidade sendo de extrema importância a sua manutenção para a sustentabilidade do local como produto turístico, no entanto, evidenciamos nesse artigo especificidades de uma paisagem artificial, planejada com

atributos particulares de uma segmentação do turismo ricamente especializada representada pelo equipamento de golfe ou campo de golfe.

A interpretação da paisagem em um campo de golfe pode significar mais que a absorção e contemplação atribuídas ao uso turístico da paisagem. Na atividade do golfe, a percepção ou leitura do campo torna-se uma habilidade útil como ferramenta de melhoria no desempenho de um golfista, e essa compreensão torna-se vital para a completude e apreciação da experiência buscada naquele destino, o que pode significar maior ou menor grau de relacionamento e pertencimento do turista naquele local.

Os sentimentos de individualidade, imensidão, extravagância, exposição, isolamento, fluência rítmica entre a composição de cores e texturas em uma mescla das teorias de Cullen, Boullón, e Lynch podem ser encontrados nas distintas paisagens analisadas nesse artigo, tornando campos de golfe locais extremamente atrativos para o exercício da interpretação da paisagem.

Os campos de golfe suportam exuberante flora e fauna o que proporciona verdadeiros espetáculos sensoriais cujas sensações podem ser amplificadas pelas possíveis tonalidades do cenário ao submeter-se a luminosidade natural do sol. Gerando nova paisagem a cada tonalidade e em diferentes horários, o campo de golfe induz o turista a permanecer no destino turístico ou nas dependências do complexo golfístico estreitando assim seus laços com a contemplação daquele espaço e incitando-o ao uso prolongado do produto turístico.

Referências bibliográficas

ALVARES, Lucia C; BESSA, Altamiro M: A percepção territorial como ferramenta para o planejamento do turismo local. In: **ANPTUR-IV Seminário da Associação Brasileira e Pós- Graduação em Turismo-UAM**, 2007.

BOLSON, Jaisa H. Gontijo : A Importância da Paisagem na Atividade Turística In revista turismo: Jun/04. Disponível em: << <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/artigos.htm>>>. Acesso em 22. Jul. 2010.

BERNARDES, Jaime: **Dicas e Segredos**. São Paulo: Nobel, 2007.

BERTRAND, G.: **Cadernos de Ciências da Terra – Paisagem e Geografia Física Global – USP**. São Paulo – 1971

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Batista. Bauru: EDUSC, 2002

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Porque geografia no turismo? Um exemplo de caso: Porto Alegre. In: GASTAL, Susana. **Turismo: 9 proposta para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____ Turismo e ordenação no espaço urbano. In: **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GOLFE. Disponível em: << <http://www.cbg.com.br/galeriaindice.asp>>>. Acesso em 01 ago. 2011.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Arquitetura&Urbanismo. 1973

FGERJ- FEDERAÇÃO DO GOLFE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Disponível em <<<http://www.golferio.com.br/web/conteudos/oEsporte.asp>>>. Acesso em: 22. jun. 2010.

GRAVES. Robert, COMISH. Geoffrey: **Golf course design**. Jonh Wiley & Sons, Inc.1998.

_____ **Classic golf hole design**: using the greatest holes as an inspiration for the modern courses. Jonh Wiley & Sons, Inc.2002.

HOTEL TRANSAMERICA ILHA DE COMANDATUBA. Disponível em: <<<http://www.comandatuba.com.br>>>. Acesso em 22. Jul. 2010.

YÁZIGI, E. et alii. **Turismo - espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p.

LOVISOLO. Hugo Rodolfo, PEIL. Luciana M. N: Esporte e espírito romântico: o caso do golfe, p.1-11, 2010. Disponível em: << <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/124.pdf>>>. Acesso em 22. Jul. 2010.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

MILL. Robert Christie: **Resorts - Administração e Operação**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PORTAL BRASILEIRO DO TURISMO. Disponível em:<<http://www.braziltour.com/site/br/cidades/materia.php?id_cidade=7536®ioes=4&estados=5>>. Acesso em: 22. Jun. 2010.